

8. Testemunhos dos pioneiros de 1953

Sobre alguns dos pioneiros de 1953, da emigração portuguesa e açoriana, decidiu-se falar de alguns casos com histórias de vida deveras interessante.

Guilherme Rodrigues

Um desses casos foi Guilherme Rodrigues, micaelense, pioneiro da emigração açoriana para o Canadá. Natural da freguesia da Matriz, da então vila da Ribeira Grande (hoje cidade), na ilha de São Miguel, tal como outros 17 açorianos, chegou ao Canadá no navio *Saturnia*, e foi direcionado para a cidade de Montreal, na província do Quebec, de comboio, sendo que foi trabalhar para um “*farm*” (uma quinta agrícola) em Saint-Michel, para o senhor Maurice Paradis, recebendo 45 dólares canadianos por mês, com comida e dormida, e tinha um horário de 10 horas por dia, recebendo mais 50 centimos por cada hora extra, pelo que, para ganhar mais dinheiro, trabalhava 4 ou 5 horas a mais por dia.

O patrão ficou a gostar de Guilherme Rodrigues, preferindo o açoriano aos outros 7 colegas de trabalho canadianos, preferência esta do patrão que viria a causar problemas ao açoriano, pois estes canadianos começaram a sentir alguma inveja do ilhéu, e certo dia, viraram-se contra ele, partindo para a agressão, mas o ribeيرا-grandense conseguiu-se proteger com uma barra de ferro, sendo de mencionar que este micaelense indica, de forma vangloriosa, que caso o patrão não o tivesse segurado, ele teria “dado cabo” dos 7 colegas.



Figura: Guilherme Rodrigues no Canadá.

Fonte: RODRIGUES, Maria Aline, seleção, adaptação e tradução – *Homenagem aos Pioneiros da Emigração Portuguesa para o Canadá, Residentes no Quebec*. Porto: Edição da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas e do Centro de Estudos, maio de 1987. Pág. 14.

Qual o motivo da briga? Os canadianos queixavam-se que Guilherme Rodrigues queria dar ordens aos seus colegas, porém, este ribeira-grandense, indicava que o que desencadeou a briga, foi o facto de que ele trabalhava imenso tempo, até 12 e 16 horas por dia, e os outros, quando o patrão não estava por perto, perdiam tempo.

Devido à briga com os colegas, ele foi despedido em conjunto com um colega madeirense, caso contrário, os colegas canadianos ameaçaram despedir-se se o açoriano e o madeirense não saíssem, pelo que voltou para a cidade de Montreal onde foi enviado para o consulado português, sendo vice-cônsul o “brasileiro” Padre Almeida (Manuel Pereira de Almeida), o qual não agradava Guilherme Rodrigues, que diz que ele não era muito amigo dos imigrantes no Canadá, pois, de acordo com o micaelense, o vice-cônsul auxiliava os “farmeiros” (donos das quintas), pois estes compravam o vice-cônsul através da dádiva de legumes para este intimidar os açorianos, continentais e outros portugueses, com a ameaça de que caso não ficassem pelo menos 1 ano na agricultura, iria aplicar a medida aconselhada por São Romão.

Com receio da ameaça, apesar de se mostrar interessado em ir trabalhar para os caminhos de ferro, Guilherme Rodrigues voltou para uma quinta, mas não para a mesma, indo para a quinta do cunhado do patrão, Maurice Paradis, sendo que depois em 1954, chegando o 2.º contingente de emigrantes portugueses, e aí, imensos açorianos, o patrão foi buscar mais 5 portugueses, e o sr. Rodrigues, de modo orgulhoso, refere que foi o “bossa” de seus compatriotas, todavia, a meio do verão, saiu da quinta e foi para as linhas de ferro.

Não obstante tudo estar a parecer correr bem, com o inverno muitos foram despedidos, pelo que Guilherme Rodrigues, passou a trabalhar por conta própria, cortando madeira, porém, rendia pouco dinheiro, pelo que optou para ir para a cidade de Montreal novamente, e aí dedicou-se à área dos serviços, mais especificamente às limpezas, onde ganhava cerca de 35 \$ por semana, e trabalhando 10 horas por dia, o que era muito mais dinheiro do que aquilo que ganhava na agricultura.

No ano de 1955, vai para o norte do Quebec, trabalhou para a Companhia Pirini Incorporation, onde trabalhou na construção do túnel de Eberville, onde trabalhou durante 2 anos, trabalhando no primeiro ano como “drileiro”, e no segundo ano enquanto abastecedor de cimento, pelo que, já tendo algum dinheiro, quis voltar aos Açores e casar com a namorada que tinha em São Miguel, ilha na qual ficou durante 2 meses e meio, voltando de seguida a Montreal onde fez carta de chamada para a mulher, Isaura Borges Rodrigues, que chegou ao Canadá a 1 de junho de 1957, e a 11 de junho de 1957, a esposa teve o primeiro filho, chamado Josef Rodrigues.

Mais tarde, o casal micaelense no Canadá viriam a ter um filho que, em 1985, tinha 26 anos e era diplomado em contabilidade, sendo que nesta altura, estava a trabalhar numa fábrica, Montreal Fast Print, e morava na cidade de Montreal, em Novo Rosemont, na rua Michel Bouvier, com a esposa, sogra e filho, vivendo o filho Josef no 2.º andar da casa, que é do tipo *duplex*, e sobre o seu percurso de vida no Canadá, e chegou a referir que todo o sofrimento e dificuldades valeram muito a pena porque, agora, estava na companhia da sua família no Canadá.

O caso de Guilherme Rodrigues, é a história de vida de um pioneiro emigrante açoriano do ano de 1953, que partiu para o Canadá no *Saturnia*, a partir de Lisboa, e quando chegou ao Canadá, foi para o Quebec, onde trabalhou como agricultor, e onde trabalhou imensas horas, passando por conflitos com os colegas de trabalho canadianos, mas também as dificuldades que passou aquando dos invernos, e que, não obstante ter ido para o Canadá para trabalhar como agricultor, não deixou de trabalhar em outras áreas, adaptando-se ao país, trabalhando na área das madeiras, assim como nos caminhos de ferro quando nos Açores, no seu tempo (nem hoje), havia caminhos de ferro ou comboios, e por fim dedicando-se até à área dos serviços, mais especificamente às limpezas. Porém, apesar desta questão, não deixa de mencionar que os esforços e as dificuldades foram frutíferos, de forma a ter a sua família consigo no Canadá e terem uma vida melhor.

Afonso Tavares

Outra história de vida de um pioneiro açoriano de 1953 da emigração para o Canadá é Afonso Tavares. Afonso Tavares, natural de Rabo de Peixe viu um edital fixado em frente da igreja da freguesia onde morava, a afirmar que iria dar-se emigração para o Canadá, e no último dia do prazo, candidatou-se, sendo que, nove dias depois, teve um aviso, e foi a uma palestra na câmara municipal da Ribeira Grande, onde ele e outros candidatos a serem emigrantes, tiveram uma reunião com o inspetor Mário Ferreira da Costa, que explicou o que era o Canadá, quanto poderiam ganhar, o processo, a moeda, e entre outras questões, todavia, diga-se que não havia garantias de que conseguiriam emigrar, pois tinham de passar pelos testes médicos.

Afonso Tavares, tal como muitos outros açorianos, não conheciam nada sobre o Canadá. O que conhecia era a América (os EUA), porém acabou por ser selecionado, e tal como os outros 19 açorianos, foi no barco *Lima* e lá ficou alguns dias para ser inspecionado pelos médicos canadianos, sendo que, de Lisboa, partiu no barco *Saturnia* para o Canadá, estando a bordo outros portugueses, assim como gregos, italianos e polacos.



Figura: Afonso Tavares aquando da homenagem aos pioneiros da Região Autónoma dos Açores aquando dos 50 anos da emigração Açores-Canadá, em 2003.

Fonte: RIBEIRO, Ana, compilação – *50 anos de emigração Açores – Canadá*. Angra do Heroísmo: Edição da Presidência do Governo Regional dos Açores e da Direção Regional das Comunidades, 2004. Pág. 43.

Chegado a Halifax de noite, depois de alguns procedimentos, foram num comboio para Montreal, e quando chegaram, foram dirigidos para a casa da imigração, e, um ou dois dias depois, começaram a chegar os “farmeiros” (agricultores), os donos das quintas, começavam a escolher os emigrantes, sendo que alguns olhavam para as mãos e apertavam os braços, para confirmar a robustez dos emigrantes, e posteriormente escolhiam.

Afonso Tavares juntamente com João Martins, outro micalense, foram para uma quinta a sul de Montreal, a uns 30 km de distância e aí permaneceram, com destino a trabalhar na agricultura, e refere que este trabalho era melhor que nas quintas de produção leiteira de bovinos, e indica que foi muito bem tratado, mas que muitos açorianos e portugueses passaram fome nos locais onde ficaram, e mais tarde, a eles, viriam juntar-se mais outros 4 açorianos.

Este emigrante de Rabo de Peixe, ilha de São Miguel, Açores, indica que no verão, trabalhava 15 a 16 horas por dia, mas que sabia que não teriam trabalho no inverno, mas haviam-lhes prometido que iriam trabalhar numa fábrica após o fim do trabalho agrícola, pelo que, no final de outubro daquele ano, após o fim do trabalho na quinta, ele e os outros 5 açorianos, receberam o ordenado, e o patrão levou-os à cidade de Montreal, e aí, o patrão deixou-os num edifício no centro da cidade, e eles pensavam que era a fábrica onde ficariam a trabalhar, mas na realidade, tinham sido enganados.

Sozinhos, com as malas nas mãos, sabendo pouco da língua (tinham ficado juntos na quinta), foi uma altura muito difícil, mas conseguiram por fim encontrar um local para pernoitarem, e ficariam por fim nas ruas de St. Elizabete, juntamente com outros imigrantes italianos, gregos, etc., em quartos com duas camas a 5 \$ por semana, com a possibilidade de cozinhar, ficando eles nas duas ruas onde já estavam outros açorianos e madeirenses, e nas palavras de Afonso Tavares, começava ali, deste modo, a Comunidade Portuguesa.

Conseguiu trabalhar durante 3 semanas na construção de casas, e mais tarde foi ao consulado português, e fez pressão para este arranjar trabalho, conseguindo um trabalho de limpeza numa sinagoga onde ficou até à imigração de 1954, ano este em que chegariam imensos imigrantes dos Açores.

Chegados estes imigrantes, ele mostrou-lhes a cidade de Montreal, e após estarem colocados, ele foi para as Sete Ilhas, na província da Terra Nova, para trabalhar numa companhia americana de exploração de minérios, sendo que também alguns açorianos acabaram por ir para esta companhia, e aí fizeram a sua carreira profissional, Por fim, foi para a província do Ontário trabalhar nas estufas, onde viu a sua vida ficar substancialmente mais fácil.

António Moniz do Couto

Outra história de um destes pioneiros açorianos da emigração açoriana para o Canadá, é o caso de António Moniz Couto, nascido em Santo António de Nordestinho, na ilha de São Miguel, que chegou no navio *Saturnia* ao Canadá.



Figura: António Moniz Couto.

Fonte: MOURA, Manuel de Almeida; SOARES, Imitério – *Pionniers – L’Avant-Garde de L’Immigration Portugaise Canada 1953*. 1ª edição, Montréal: edição da Altapex Construction Corporation e da Direção Regional dos Assuntos Consulares e das comunidades portuguesas, setembro de 2003.

Nas ilhas trabalhava como carpinteiro, mas também desempenhava trabalhos agrícolas nos terrenos da família, e aceitou a proposta de ir trabalhar para o Canadá como trabalhador agrícola, porém, apesar de ter trabalhado nas fazendas, também trabalhou nas minas, em lugares diferentes, pois argumenta que não gostava de trabalhar sempre no mesmo lugar, e então, António Couto variava de emprego e de lugar, trabalhando no Canadá em trabalhos de mecânica, de carpintaria, porém, sempre na mesma empresa, a *Quebec Cartier Mining*.

Moniz Couto chegou a trabalhar muitas das vezes sozinho, todavia mais tarde, chegariam outros portugueses para trabalhar consigo, sendo de mencionar que chegou a trabalhar em Fort-Chimo, no extremo setentrional da província do Quebec, onde vivem muitos esquimós, e neste lugar construíram casas para os índios e para canadianos que aí vivam.

Apesar destas aventuras em locais tão longínquos parecerem emocionantes, a realidade é que nem tudo viria a correr bem para este açoriano do concelho micalense do Nordeste, pois em 1957, em Schefferville (uma cidade quebequense muito perto de Labrador) sofreu um acidente na mão esquerda a trabalhar na construção, pelo que a empresa o transportou num avião próprio para ele ir para a cidade do Quebec para lá ser tratado, no entanto, devido à barreira linguística, um dos maiores entraves dos açorianos no Canadá, ele apanhou um táxi e foi para a cidade de Montreal, porém, quando aí chegou, a sua mão já estava negra, e esta teria de ser mutilada.

Felizmente, António Couto, consegue que sua mão não seja cortada, mas perde alguns dedos, no entanto, em 1960, volta até aos Açores, e nesta visita conhece a que vem a ser sua mulher, e dois meses depois, volta ao Canadá, vivendo 28 anos no norte do Quebec, em zonas como Schefferville, Port-Cartier, Gagnon e Sept-Îles, mas em 2003, vivia juntamente com a mulher, filhos e netos em Laval, um subúrbio de Montreal.

Armando Vieira

De mencionar também a história de vida de um outro pioneiro açoriano de 1953. Foi o caso de Armando Vieira.

Armando Vieira nasceu em Água de Pau, concelho micalense da Lagoa, chegando, tal como os outros 17 pioneiros açorianos, no navio *Saturnia*, veio para trabalhar na província do Quebec enquanto agricultor, nas quintas, mas também na construção de caminhos-de-ferro, onde ficou até ao ano de 1957.

A partir desta data, muda-se para a British Columbia, onde arranja trabalho na fábrica da Alcan em Kitimat, onde ficou até ao ano de 1985, porém, é de referir, que em 1961, vem ao arquipélago açoriano, e casa com a rapariga, sua noiva, que tinha deixado atrás em 1953, e em 1974, tal como muitos açorianos o fizeram no Canadá, compra casa própria em Ville d'Anjou, onde passou a viver desde 1985.

Referiu que morava numa barraca quando foi trabalhar na primeira quinta, e possuía 100 dólares de reserva para quando necessitasse para algo urgente, guardando este dinheiro num envelope, pelo que tinha muito receio que a barraca se incendiasse, pois deste perderia as suas poupanças, sobre a sua presença em Kitimat, British Columbia, refere que tinham um clube, a Associação Luso-Canadiana de Kitimat, associação da qual ele foi um dos fundadores, sendo que juntamente com amigos, construíram eles com suas mãos o edifício, desde as fundições.

Indica ainda, no ano de 2003, que toda a sua família estava no Canadá, como o caso dos seus irmãos, e tanto a sua mãe como a sogra, viriam a falecer neste país norte-americano, e ele, no início do século XXI, estava a viver em Montreal com sua mulher, enquanto que o filho vive em Laval, mas sua filha vive na British Columbia, na cidade de Vancouver.



Figura: O emigrante de Água de Pau, Armando Vieira, junto de sua mulher e casal de filhos.

Fonte: MOURA; SOARES - *op. cit.*: setembro de 2003. Pág. 185.

Jaime Barbosa

Natural da Pedreira, Nordeste, aos 73 anos residia em Surrey na British Columbia. Foi novo para o Canadá, passou por dificuldades, como foi o caso da questão linguística, mas também por abusos de patrões.

Manuel Arruda

Natural da Bretanha do concelho de Ponta Delgada, com 74 anos residia em Toronto, na província de Ontário.

Ficou muito feliz quando soube que iria para o Canadá, e depois de passar por Montreal, acabou por permanecer em Toronto. Tinha a ideia, de ficar pouco tempo, no Canadá, por apenas 3 anos. Todavia, ao chegar a Toronto, mudou de ideais. Trabalhando num colégio a 80 dólares por mês, e logo fez uma carta de chamada para o irmão mais velho. Cinco anos depois viria até São Miguel para se casar, e regressar ao Canadá com a esposa.

De seguida se expõe uma citação de Manuel Arruda:

«O trabalho era duro. Trabalhava-se de sol a sol. A comida que nos davam não nos sustentava. Estávamos habituados ao pão de milho. Íamos almoçar e apresentavam-nos duas fatiazinhas de pão, um ovinho estrelado, ou um bocadinho de carne fria da *freezer* (congelador) e eis-nos de regresso ao trabalho! (...) O meu problema era que não me davam comida suficiente, pois sendo novo não tinha medo do trabalho!».

Manuel Vieira

Natural de Água de Pau, Lagoa, aos 74 anos residia em Mississauga, na província de Ontário.

Indica que foi muito triste deixar a ilha de São Miguel, sentindo imensas saudades da sua família, mas que os sacrifícios compensaram, porque açorianos e portugueses como ele, abriram o caminho para os que vieram mais tarde.

Bibliografia:

ARRUDA, Manuel – Conversas da Diáspora - Com o Pioneiro Manuel Arruda. [Entrevista concedida a] Adelina Pereira. Toronto: 4 de novembro de 2003.

MOURA, Manuel de Almeida; SOARES, Imitério – *Pionniers – L'Avant-Garde de L'Immigration Portugaise Canada 1953*. 1ª edição, Montréal: edição da Altapex Construction Corporation e da Direção Regional dos Assuntos Consulares e das comunidades portuguesas, setembro de 2003.

RODRIGUES, Maria Aline, seleção, adaptação e tradução – *Homenagem aos Pioneiros da Emigração Portuguesa para o Canadá, Residentes no Quebec*. Porto: Edição da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas e do Centro de Estudos, maio de 1987.

TAVARES, Afonso - «Comunicação». In RIBEIRO, Ana, compilação – *50 anos de emigração Açores – Canadá*. Angra do Heroísmo: Edição da Presidência do Governo Regional dos Açores e da Direção Regional das Comunidades, 2004.